



VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA ENTRE JOVENS PARCEIROS ÍNTIMOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

PSYCHOLOGICAL VIOLENCE AMONG YOUNG INTIMATE PARTNERS: A LITERATURE REVIEW

Jurandir Santos¹, Manuel Morgado Rezende²

¹Universidade Metodista de Ensino e Pesquisa (UMESP)

²Universidade Metodista de Ensino e Pesquisa (UMESP)

E-mail: contato@jurandirsantos.com.br

RESUMO: A presente revisão bibliográfica analisou artigos publicados sobre violência psicológica entre jovens parceiros íntimos, captados por meio do gerenciador de artigos científicos *Mendeley*. A partir do descritor *psychology violence* foi possível acessar 1.897 artigos, em cerca de 300 bases, publicados desde o ano de 1979 até 2018. Após utilizarmos critérios de exclusão e priorizarmos os trabalhos entre os anos de 2015 até 2018, chegamos a uma base final com 15 artigos analisados, provenientes de oito países. Podemos concluir que: as adolescentes percebem mais a violência psicológica; há fortes correlações com problemas de saúde, desenvolvimento e rendimento escolar, nos indivíduos vitimados; a violência sofrida no lar aumenta a probabilidade de violência no namoro; o comportamento violento pode ser perpetuado na fase adulta, e em outros relacionamentos. O tema tem exploração apenas incipiente em todas as áreas, no Brasil e no mundo, o que serve de alerta para a produção de novos trabalhos e para a formatação de programas de conscientização e prevenção da violência psicológica entre jovens casais.

Palavras-chave: Violência por Parceiro Íntimo; Violência Doméstica; Adolescente.

ABSTRACT: This literature review analyzed published articles on psychological violence among young intimate partners, captured through the *Mendeley* scientific article manager. From the descriptor *psychology violence*, it was possible to access 1,897 articles, in about 300 databases, published from 1979 to 2018. After using exclusion criteria and prioritizing the work between 2015 and 2018, we reached a final database of 15 articles from eight countries. We can conclude that: adolescents perceive more psychological violence; there are strong correlations with health problems, development and school performance in the victimized individuals; violence suffered at home increases the likelihood of dating violence; violent behavior can be perpetuated in adulthood, and in other relationships. The theme has only incipient exploration in all areas, in Brazil and worldwide, which serves as a warning for the production of new works and for the formation of awareness programs and prevention of psychological violence among young couples.

Keywords: Intimate Partner Violence; Domestic violence; Adolescent.



1. INTRODUÇÃO

A violência psicológica pode ser compreendida como um problema de saúde, e é tratada neste trabalho na perspectiva da Psicologia da Saúde, considerando-se as condições de vida dos jovens e adolescentes, o seu bem-estar social, mental e físico, bem como o seu contexto econômico e político.

Para pensarmos o ser integral, não podemos também deixar de levar em consideração a sua formação educacional, o seu estilo de vida, a sua estrutura psicológica, os seus vínculos familiares, o seu núcleo de amizades, a sua vida sexual, a sua representação cultural, participações em esporte e lazer e, ainda, o suporte social que recebe ou deveria receber.¹

O conceito de prevenção de doença foi deslocado do âmbito das ciências biomédicas para um campo mais abrangente da promoção da saúde, balizada pela Carta de Ottawa de 1986, englobando os valores políticos fundamentais, segundo os quais a qualidade de vida e a construção da cidadania democrática são tidas como valores indissociáveis.¹

Apesar de não se tratar de uma questão recente, a violência é analisada como uma expressão sintomática dos conflitos interpessoais e intrapsíquicos. É justamente nesse cenário que identificamos a necessidade de explorar as publicações e, conseqüentemente, o entendimento que se tem da violência psicológica entre parceiros íntimos, enquanto uma preocupação de saúde pública e da Psicologia da Saúde, levando-se em consideração os diferentes pontos de vista a respeito do tema, a dificuldade de identificação, bem como os meios de prevenir ou tratar o problema em pauta.²

Contudo, o objetivo desse trabalho é o de levantar o estado da arte sobre a violência psicológica entre jovens casais, em diferentes culturas e países.

Antes, porém, de iniciarmos a discussão sobre os achados a respeito da violência psicológica entre jovens parceiros íntimos, consideramos necessário definir duas expressões comumente utilizadas na literatura estudada, e de relevância para este trabalho: violência entre parceiros íntimos e violência psicológica.

1.1. A VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS (IPV)

A expressão “Violência de Parceiros Íntimos” é um termo relativamente novo na literatura científica, para o qual existem diferentes formas de compreensão e classificação, em diferentes países e situações. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o IPV refere-se a qualquer comportamento, dentro de uma relação íntima, que causa danos físicos, psicológicos e sexuais para aqueles constituintes da relação.³

Além dos danos causados numa relação íntima atual, o IPV também descreve os relacionamentos entre ex-cônjuges. Os casos com vítimas mais frequentes envolvem: o público feminino, os parceiros mais velhos, a violência doméstica, o assédio moral, e as pessoas com baixo rendimento acadêmico.⁴

Portanto, com a adoção do IPV foi possível incluir, nas análises de casais que vivem em união de fato, os casais do mesmo sexo, e os relacionamentos atuais ou os que já haviam terminado, incluindo: cônjuges, namorados, parceiros sexuais em curso.⁵

1.2. A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA (VP)

A outra expressão refere-se à “violência psicológica”, que pode ser entendida como uma das formas mais difíceis de serem identificadas, e geralmente está associada a outros tipos de violência. Afeta a psique da pessoa e provoca insegurança. Inclui os olhares irritados, ciúme, raiva, insulto utilizando linguagem abusiva e negligência.⁶ Pode, ainda, manifestar-se por ações como: impedimento de ver familiares, parentes e amigos, e o abuso emocional.⁷ Somadas a esses fatores, encontramos também a ameaça, a humilhação e, ainda, o controle da vítima.⁸

Abuso psicológico ou emocional foi outra terminologia encontrada na presente revisão, e consiste na humilhação sistemática, desvalorização, intimidação que se dá pela quebra de objetos, ameaça de ataques físicos, de “tirar as crianças”, controlar o/a parceiro/a, companheiro/a, restringir o acesso aos recursos financeiros, emprego ou recursos de saúde.⁵

Abuso psicológico ou emocional foi outra terminologia encontrada na presente revisão, e consiste na humilhação sistemática, desvalorização, intimidação que se dá pela



quebra de objetos, ameaça de ataques físicos, de “tirar as crianças”, controlar o/a parceiro/a, companheiro/a, restringir o acesso aos recursos financeiros, emprego ou recursos de saúde.⁹

2. METODOLOGIA

Para a realização da presente revisão bibliográfica foram utilizados os recursos do *Mendeley*, um gerenciador de arquivos científicos, com o qual acessamos cerca de 300 bases de artigos.

A partir do descritivo *psychology violence* (violência psicológica), localizamos 1.897 trabalhos. Em seguida, eliminamos os artigos repetidos, veiculados em diferentes bases, chegando a 1.106 trabalhos, publicados entre o ano de 1979 e agosto de 2018.

O próximo recorte foi realizado priorizando os artigos relacionados com os descritivos “Violência de Parceiros Íntimos”. Em seguida, selecionamos trabalhos sobre jovens e adolescentes. Após, realizamos critério de exclusão (de artigos sem identificação com o tema) e, por fim, priorizamos as publicações encontradas entre os anos de 2015 e 2018. Chegamos, portanto, ao total de 15 artigos analisados, frutos de pesquisas realizadas em oito países: 5 - Estados Unidos; 2 - Portugal, Espanha e Canadá; 1 - Brasil, Chile, Noruega e Turquia.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS

Pesquisa realizada com 894 jovens (49% do sexo feminino, 50% do masculino e 1% que se absteve), com idade média de 14 anos, em Portugal, evidenciou que 35% desse público já sofreu algum tipo de violência. O estudo contou com um questionário de 10 perguntas que objetivaram detectar três formas básicas de violência sofrida pelos jovens estudados: duas sobre violência física (4,5%), duas sobre violência verbal (12%) e seis sobre VP (8%). A violência psicológica foi classificada como a mais frequente, embora não tenha havido diferença estatisticamente significativa entre o público feminino e o masculino (8,2 e 7,6%).¹⁰

Artigo brasileiro relata uma pesquisa qualitativa, baseada na Metodologia de História Oral, a partir da narrativa de duas jovens universitárias, com 19 e 21 anos, sobre

o fenômeno da violência no namoro. Inicialmente, a pesquisadora menciona a dificuldade em encontrar jovens dispostos ao depoimento para o trabalho, por sentirem-se constrangidos e temerem críticas desrespeitosas ao seu modo de vida. De acordo com os depoimentos colhidos, geralmente no início do namoro o tratamento dado é respeitoso e afetuoso; porém, com o passar do tempo, vêm os insultos, xingamentos, palavrões, gritos e inúmeras formas de agressões físicas e/ou sexuais. Entretanto, esses comportamentos são acompanhados de juramentos e promessas de mudança, crises de ciúmes e desconfiança. Elas se veem controladas pelos seus namorados e sentem vergonha de relatar esse fato aos seus familiares.¹¹

Outro artigo revelou os dados de pesquisa desenvolvida no Chile com 470 estudantes, com idade entre 18-28 anos, com a finalidade de investigar a ligação romântica e a empatia, na relação de namoro de estudantes universitários. Os resultados relacionados com a VP revelaram elevado nível de ansiedade, e menores níveis quanto à possibilidade de os estudantes tornarem-se empáticos em relação aos seus pares. E, também, que as mulheres relataram ter cometido mais VP do que os homens.¹²

Artigo norte-americano descreveu a prevalência e os preditores de lesões causadas no namoro em uma grande amostra de jovens (n=917). A vitimação física, sexual e psicológica foi avaliada utilizando-se a escala de vitimação Safe Dates.¹³

Somente para a vitimação psicológica, foram utilizados 14 itens, como, por exemplo: “me insultou na frente dos outros”, “não me deixa fazer as coisas com outras pessoas”, etc. As respostas desse item foram somadas, para o desenvolvimento de um escore de vitimação psicológica, e dicotomizadas para se criar uma medida binária, indexando qualquer vitimação psicológica. Os níveis mais altos de vitimação predizem o aumento do risco de lesões, embora as associações entre vitimação física e lesão sejam mais fortes para as meninas do que para os meninos. As quantidades de cada forma de vitimação e perpetração da violência no namoro foram associadas a ferimentos. Curiosamente, o estudo sugere que os jovens que estão sofrendo de VP estão particularmente sob risco de lesão. Isso ocorre



porque os níveis mais altos de vitimação podem estar associados à perpetração de formas mais intensas ou graves de vitimação física ou sexual. É possível que aqueles que experimentaram graus mais elevados de VP estejam em relacionamentos nos quais a dinâmica de poder e controle os impeça de diminuir o conflito ou sentir que eles podem buscar ajuda com segurança.¹⁴

Foram examinadas, na Espanha, as propriedades psicométricas do *Psychological Dating Violence Questionnaire* (Questionário sobre Violência Psicológica no Namoro - PDV-Q), uma escala desenvolvida com o objetivo de avaliar os abusos psicológicos sutis e evidentes entre casais de namorados, e suas possíveis bidirecionalidades na implicação como vítima e agressor. Participou do estudo um grupo com 670 estudantes universitários heterossexuais (62,8% mulheres e 37,2% homens), com idade entre 19 e 25 anos (M = 22; DP = 1,78). A amostra dos declarados homossexuais foi pouco representativa, e descartada do estudo. Como resultado, o trabalho pôde concluir que o abuso físico e emocional é altamente prevalente na população adolescente, e está associado a importantes consequências para a saúde e o desenvolvimento. Portanto, as estratégias de resolução de conflitos são um alvo adequado, uma vez que podem aumentar a capacidade do indivíduo para gerenciar o afeto negativo e manter o afeto positivo. O instrumento utilizado pode ser útil como uma ferramenta para avaliar a eficácia desse tipo de intervenção, bem como para fins de triagem e classificação. Especificamente, pode ajudar a detectar os adolescentes com alto risco de se envolverem em violência no namoro.¹⁵

Estudo norueguês, realizado com 549 estudantes com idade média de 15,2 anos e com experiência íntima, revelou que 42,9% dessa população já sofreu algum tipo de IPV. Foram examinadas experiências com VP, física, digital e sexual. No total, 42,9% dos participantes haviam experimentado alguma forma de IPV: 29,1% relataram violência digital; 25,9% violência psicológica; 18,8% violência sexual e 12,8% violência física. Os fatores significativamente associados a IPV foram: sexo feminino, parceiros mais velhos, vitimação por *bullying*, baixas conquistas acadêmicas e envio de mensagens sexuais via mídia digital. A violência digital parece

desempenhar um papel central, na violência sofrida pelos adolescentes pesquisados. Os que sofrem vitimação fora de seus relacionamentos são mais propícios a sofrer IPV.⁴

Uma pesquisa longitudinal, realizada nos Estados Unidos, examinou como a VP experimentada pelos pais durante a adolescência influencia a perpetração de VP do parceiro íntimo, ao longo do tempo. Para isso, o trabalho contou com a colaboração de 193 pais e seus filhos adolescentes. Os resultados revelaram que a exposição à VP parental durante a adolescência influencia para que os filhos tenham dificuldade nos seus relacionamentos românticos na idade adulta.¹⁶

Uma revisão sistemática sobre a prevalência da violência no namoro, em adolescentes e jovens, foi realizada na Espanha. Foram encontradas 1.221 referências e, destas, 113 atenderam a critérios de qualidade preestabelecidos. Os resultados mostraram grande variedade nos números sobre a prevalência da violência no namoro; especificamente, os percentuais variam de 4,2% a 97% para VP perpetrada, e de 8,5% a 95,5% para VP vitimada.¹⁷

Pesquisa canadense examinou as taxas de prevalência de vitimação por violência, no namoro, entre uma amostra representativa de adolescentes do ensino médio de Quebec, e explorou possíveis diferenças de gênero nessas taxas, bem como o impacto percebido, da vitimação. A amostra contou com 8.194 alunos que completaram o questionário, avaliando a vitimação percebida nos últimos 12 meses. Os resultados mostraram que a VP é a forma mais frequente de denúncia de vitimação velada. As meninas são mais propensas a relatar experiências de comportamento, psicológico, físico e ameaçadores, bem como a vitimação sexual, do que os meninos. A análise sobre diferentes indicadores do impacto de vitimação (ou seja, sentimento de medo, angústia e sintomas de estresse pós-traumático) revelam que as adolescentes são mais vulneráveis a sofrer impactos, do que os meninos.¹⁸

Com uma amostra de 196 estudantes portugueses, a maioria do sexo masculino (63,3%) e idade média de 16 anos, outro estudo tentou compreender e caracterizar as experiências íntimas abusivas entre adolescentes, e analisar em que medida elas podem contribuir para o seu desajuste psicossocial. Os resultados detectam



predomínio da VP, no entanto normalmente esses jovens não procuram ajuda. Demonstram receio de que os outros não acreditem neles, medo de sofrer retaliações/represália, crença na mudança de comportamento da(o) namorada(o), manipulação psicológica/chantagem por parte da companheira(o), e vergonha de expor a situação. E, ao invés de relatarem o problema, reagem com agressividade, choram ou ficam tristes, abandonam o contexto, etc.¹⁹

Outro estudo investigou as consequências da prevalência de problemas ligados à saúde mental, entre vítimas de violência no namoro na adolescência. A amostra contou com 589 rapazes heterossexuais, estudantes do ensino médio, com idade média de 15,72 anos, da Carolina do Norte/USA. A taxa de prevalência de IPV com VP entre os adolescentes, por mulheres, foi de 49%. Os meninos que relataram serem mais vitimados eram mais propensos a ter sintomas depressivos.²⁰

A exposição de IPV por meio da violência física ou psicológica aos 18 anos tem várias consequências. Foi o que relatou uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, com 276 participantes, revelando que 50% dos homens e 37% das mulheres sofreram algum tipo de violência física em suas relações. Já no caso da VP, as taxas foram altamente prevalentes, tanto em homens (93%), quanto em mulheres (87%). Os pesquisadores acreditam que homens expostos a violência física e psicológica aos 18 anos provavelmente estarão envolvidos nesse tipo de experiência na idade adulta.²¹

Na Pensilvânia/USA, foi conduzida uma intervenção contra abusos nos relacionamentos entre adolescentes, por enfermeiros, através do *Project Connect* - um programa nacional para a gestão de parcerias entre agências de saúde pública e serviços de violência doméstica, para melhorar a resposta do setor de saúde quanto aos casos de violência entre parceiros, isso porque o abuso (físico, sexual e emocional) nos EUA é comum, na proporção de uma em cada cinco meninas vitimadas. Os estudos apontam para o desfecho de saúde precária desses jovens, incluindo casos de depressão, ansiedade, tendências suicidas e baixo desempenho acadêmico, evidenciando ainda a importância da presença de enfermeiros na escola, como meio de promover

relacionamentos saudáveis e favorecer a prevenção de abusos na adolescência.²²

Estudo canadense objetivou documentar a prevalência da vitimação por violência de cibercitação (CDV) e perpetração entre adolescentes. Também explorou a autoestima e o sofrimento psicológico desse público. A amostra foi composta por 190 adolescentes. Os resultados confirmam uma forte correlação da baixa estima e sofrimento psicológico no *cyber* namoro dos adolescentes.²³

Pesquisa realizada na Turquia, com 848 universitárias, selecionadas aleatoriamente, examinou variáveis que predizem a exposição da violência no namoro, relatam as opiniões dos adolescentes sobre o namoro, e determinam as diferenças com as pessoas que não namoram, em termos dos problemas mentais. Foi adotado um questionário que avaliou variáveis sociodemográficas e relacionadas à violência, e escalas que avaliam depressão, ansiedade, pensamento sobre suicídio e comportamentos suicidas. Além disso, foram realizadas entrevistas psiquiátricas com as estudantes abusadas fisicamente nos últimos 12 meses. Como resultado, o estudo revelou que 24,8% do grupo (n=210) sofria VP por flertes; 3,7% (n=31), violência física. Contudo, a violência afeta negativamente a saúde mental, necessitando de prevenção.²⁴

4. SÍNTESE DOS RESULTADOS

A banalização de certos atos de agressão entre jovens casais faz com que eles não sejam percebidos como violentos e, por isso, tornem-se invisíveis. São mecanismos sutis de dominação e exclusão social, utilizados por indivíduos, grupos ou instituições. A dominação é sustentada, ainda, pela não aceitação de regras e sanções, ou devido à incapacidade de reconhecimento das regras e direitos.¹¹

Conforme pesquisas internacionais, a VP apresenta taxas mais altas do que outros tipos de agressão, nos relacionamentos de namoro, em que a aplicação é de cerca de 80%, caracterizados por diferentes tipos de comportamentos observados, tais como depreciação, hostilidade, indiferença, intimidação, imposição de padrões comportamentais, culpabilização e bondade aparente.²⁵



A fase do namoro aponta para um significativo risco para a saúde dos jovens, razão pela qual os profissionais da saúde, pais, educadores e a comunidade devem estar cientes das graves consequências da violência em questão, mesmo antes de o namoro começar, proporcionando àqueles jovens um modelo para relacionamentos saudáveis. Nesse sentido, engajar jovens, seus sistemas de apoio e suas comunidades, na prevenção, é um passo para a garantia de relacionamentos seguros, saudáveis e livres de lesões aos jovens.¹³

As consequências da violência psicológica podem ser as mais diversas, como sentimentos depressivos, autoestima rebaixada e pânico geral. A vítima pode apresentar fadiga, pensamentos suicidas e incapacidade de desfrutar a vida, ficar mais propensa ao consumo do álcool e de outras drogas.¹⁰

Na formação de adultos e nos relacionamentos saudáveis, outra preocupação, em direção à prevenção da VP, está pautada na formação da identidade das crianças e dos adolescentes que vivem em ambientes hostis, nos quais o silêncio, a impotência e a imobilidade colaboram para a manutenção de um círculo perverso; a reversão de tais situações exige ações multidisciplinares, com profissionais que tenham contato com essas patologias, com a colaboração integrada de outras esferas da sociedade, e de áreas como a justiça, a saúde e a educação, o que possibilitará a criação de um espaço comum de cooperação.

Vale destacar que na amostra de artigos analisados não foram encontradas produções específicas sobre violência psicológica; dessa forma, as informações apresentadas foram extraídas de artigos sobre diferentes modalidades de violência.

Dos 15 artigos analisados, os Estados Unidos lideraram as publicações, com 5 produções, o que provavelmente se justifica pela prática de pesquisa daquele país. Chamamos a atenção o fato de termos encontrado somente um artigo publicado no Brasil, evidência de que a publicação localizada é pouco representativa, frente aos severos problemas relacionados com a VP nos relacionamentos entre jovens, no nosso país.

No que diz respeito ao campo de pesquisa, a Psicologia lidera a produção de artigos científicos na área de interesse para esse estudo, com 9 artigos encontrados,

seguido pela Medicina e Serviços Sociais, com dois; Psiquiatria e Criminologia/Medicina Forense, com um em cada uma área.

Embora muitos jovens tenham dificuldade para relatá-la, especialmente o público masculino, a VP é classificada como a mais frequente das modalidades, e na maior parte dos estudos as adolescentes são mais propensas a VP do que os meninos, embora alguns trabalhos não revelem significativa diferença na vitimação entre o sexo masculino e feminino.

No geral, o início do relacionamento é respeitoso e afetuoso, porém, com o passar do tempo é que as relações violentas se tornam hostis e agressivas, com maior incidência de insultos, xingamentos e ofensas com palavras.

Entre os fatores associados à propensão de VP, estão: a precariedade nos cuidados com a saúde, os relacionamentos com parceiros mais velhos, a vitimação por *bullying*, as baixas conquistas acadêmicas e os envios de mensagens sexuais via mídia digital. Há uma forte correlação entre sofrimento psíquico no cyber-namoro e autoestima rebaixada.

Os que sofrem de violência fora dos relacionamentos são mais propícios a sofrer IPV. Além disso, a VP sofrida pelos pais durante a adolescência influencia a perpetração de VP do parceiro íntimo, contribuindo, assim, para a dificuldade nos relacionamentos saudáveis na fase adulta.

As manifestações de VP envolvem insegurança, crise de ciúmes, desconfianças; a dinâmica de manipulação psicológica, chantagem, controle e poder, imperam e impedem a vítima de diminuir os conflitos ou buscar ajuda com segurança.

O abuso emocional altamente prevalente na população adolescente está associado a graves consequências para a saúde mental e o desenvolvimento do indivíduo. As consequências variam, e podem evidenciar desde elevado nível de ansiedade, baixo desempenho acadêmico, até maior propensão à depressão e tendências suicidas.

Muitas vítimas de VP se veem presas nessas relações por vários motivos, entre os quais as frequentes juras e promessas de melhoria/mudança no comportamento do(a) parceiro(a).

Normalmente, os jovens não denunciam o abuso, e raramente procuram ajuda, pelo receio da descrença do seu interlocutor, por



vergonha, ou por medo de expor a situação e sofrer retaliações/represálias. Ao invés de a relatarem, agem com agressividade, apresentam crise de choro, tristeza, ou abandono do contexto.

É importante que os profissionais envolvidos com o atendimento de pessoas vitimadas por VP busquem instrumentos que

os auxiliem, na detecção de jovens em alto risco de se envolverem com violência no namoro. Nesse sentido, as estratégias para a resolução de conflitos são meios adequados, uma vez que podem aumentar a capacidade do indivíduo para o gerenciamento do afeto negativo e a manutenção do positivo.

5. CONCLUSÃO

Como podemos verificar no presente estudo, há uma significativa diferença entre os artigos, a partir de sua localização nos diferentes países, culturas, objetivos e decisões metodológicas. De qualquer modo, patenteia-se a crescente preocupação com a violência psicológica entre pares, tema que carece de mais investigação, bem como a formatação de programas de intervenção e prevenção desses casos.

Foi nas últimas décadas que a pesquisa interveio nesse campo, o da violência no relacionamento dos adolescentes e jovens casais. Na maioria dos estudos, a violência é considerada como um fator de risco para o desenvolvimento da fase adulta e dos relacionamentos conjugais.

O tema ainda foi pouco explorado, em todas as áreas, no Brasil e no mundo, sobretudo na área da Psicologia, o que serve de alerta para a produção de novos trabalhos sobre o tema em questão. As pesquisas apresentadas neste trabalho indicam também a necessidade de formação e atuação profissional com foco nas ações multidisciplinares, de modo que se saiba acolher os envolvidos no problema em pauta, desenvolvendo estratégias de escuta ativa, avaliando o grau de risco, tratando ou fazendo o encaminhamento adequado.

Por sua vez a juventude, como parte do desenvolvimento humano, abrange questões como a sexualidade, irresponsabilidade, desejo e medo de se afastar das figuras parentais, associação a um grupo ou tribo e o rompimento de tradições.

Portanto, há de se ter cuidado com a vulnerabilidade do eu desse jovem que está construindo a sua maturidade e, deseja ser alguém em algum lugar e constituir-se dentro do seu grupo. A superação das dificuldades inerentes a essa fase vem com o passar do tempo, desde que existam cuidados em ambiente firme, seguro e suficientemente bom.

Contudo, ratificamos as nossas preocupações, na área da Psicologia da Saúde, com a necessidade de: elevação dos índices de educação da população jovem; conscientização e fortalecimento das mulheres por ainda apresentarem maior fragilidade e queixa da violência psicológica; oferta de recursos de amparo aos vínculos emocionais e sociais; alternativas para a redução da pobreza e dos problemas sociais; e subsídio dos programas de prevenção da violência psicológica, o que nos parece o melhor remédio, seja através do diálogo, de elaboração de campanhas e encaminhamento do assunto para o debate social, contribuindo, assim, para a saúde pública.

6. REFERÊNCIAS

[1] Rezende, MM. Pathos e promoção de saúde. In Rezende MR, Heleno MGV (Org.). Psicologia e promoção de saúde em cenários contemporâneos. São Paulo: Vetor; 2016.

[2] Santos, J. Criança e adolescente em foco: dialogando com profissionais e cuidadores

(Org.). São Paulo: Editora Senac São Paulo; 2014.

[3] Organização Mundial da Saúde. Geneva: WHO; 2010.

[4] Hellevik P, Overlien C. Teenage intimate partner violence: Factors associated with



- victimization among Norwegian youths. *Scandinavian Journal of Public Health* [Internet] 2016 jul [citado em 2016 Nov 17]; 44(7) Disponível em: <http://doi.org/10.1177/1403494816657264>.
- [5] Entilli L, Cipolletta, S. When the woman gets violent: the construction of domestic abuse experience from heterosexual men's perspective. *Journal of Clinical Nursing* [Internet] 2016 Ago [citado em 2018 Ago 8]; 26(8) Disponível em: <http://doi.org/10.1111/jocn.13500>.
- [6] Gurung S, Acharya J. Gender-based Violence Among Pregnant Women of Syangja District, Nepal. *Osong Public Health and Research Perspectives* [Internet] 2016 Fev [citado em 2016 Nov 17]; 7(2) Disponível em: <http://doi.org/10.1016/j.phrp.2015.11.010>.
- [7] Sohrabizadeh, S. A Qualitative study of violence against women after the recent disasters of Iran. *Prehospital and Disaster Medicine* [Internet] 2016 Jun [citado em 2016 Nov 17] 1–6 Disponível em: <http://doi.org/10.1017/S1049023X1600043>.
- [8] Alfredsson H, Ask K, von Borgstede C. Beliefs about intimate partner violence: a survey of the swedish general public. *Scandinavian Journal of Psychology* [Internet] 2016 Jan [citado em 2016 Nov 17] 57(1) Disponível em: <http://doi.org/10.1111/sjop.12254>.
- [9] Groves A, Moodley D, McNaughton-Reyes L, Martin S, Foshee V, Maman S. Prevalence, Rates and Correlates of Intimate Partner Violence Among South African Women During Pregnancy and the Postpartum Period. *Maternal & Child Health Journal* [Internet] 2015 Mar [citado em 2017 Nov 17] 19(3) Disponível em: <http://doi.org/10.1007/s10995-014-1528-6>.
- [10] Guerreiro A, Pontedeira C, Sousa R, Magalhães MJ, Oliveira E, Ribeiro P. Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. *Atas do Colóquio Internacional @s jovens e o crime – transgressões e Justiça tutelar* [Internet] 2015 Mai [citado em 2017 Out 10] 10(6) Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/277305017>.
- [11] Ataíde MA. Namoro: uma relação de violência entre jovens casais. *Interthesis* [Internet] 2015 Jan-Jun [citado em Mar 19] 12(1) Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2015v12n1p248>.
- [12] Guzmán-González M, García S, Sandoval B, Vásquez N, Villagrán C. Violencia psicológica en el noviazgo en estudiantes universitarios chilenos: diferencias en el apego y la empatía diádica. *Interamerican Journal of Psychology* [Internet] 2015 Mar [acessocitado em 2016 Nov 17] 48(3) Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/284/28437897010.pdf>.
- [13] Foshee VA, Karriker-Jaffe KJ, McNaughton RHL, Ennett ST, Suchindran C, Bauman KE, Benefield TS. What accounts for demographic differences in trajectories of adolescent dating violence? An examination of intrapersonal and contextual mediators. *Journal of Adolescent Health* [Internet] 2008 Jun [citado em 2019 Mar 20] 42(6) Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18486869>.
- [14] Tharp AT, Reyes HLM, Foshee V, Swahn MH, Jeffrey E, Logam J. Examining the Prevalence and Predictors of Injury from Adolescent Dating Violence. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma* [Internet] 2017 Mai [citado em 2019 Mar 20] 26(5) Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10926771.2017.1287145>.
- [15] Ureña J, Romera EV, Casas JA, Viejo C, Ortega-Ruiz R. Psychometrics properties of Psychological Dating Violence Questionnaire: a study with young couples. *International Journal of Clinical and Health Psychology* [Internet] 2015 Jan-Abr [citado em 2019 Mar 8] 15(1) Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/337/33732958007.pdf>.
- [16] Nepl TK, Lohman BJ, Senia JM, Kavanaugh SA, Cui M. Intergenerational continuity of psychological violence: intimate



partner relationships and Harsh Parenting. *Psychology of Violence* [Internet] 2017 Mai [citado em 2018 Ago 9] 29(5) Disponível em: <https://doi.org/10.1037/vio0000129>.

[17] Rubio-Garay F, López-González M, Carrasco M, Amor P. Prevalencia de la violencia en el noviazgo. *Papeles Del Psicólogo* [Internet] 2017 Fev [citado em 2018 Ago 8] 38(2) Disponível em: <https://doi.org/10.23923/pap.psicol2017.2831>.

[18] Hébert M, Blais M, Lavoie F. Prevalence of teen dating victimization among a representative sample of high school students in Quebec. *International Journal of Clinical and Health Psychology* [Internet] 2017 Mar [citado em 2018 Ago 8] 17(3) Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2017.06.001>.

[19] Santos MRP, Caridade M. Vivências amorosas em adolescentes: das dinâmicas abusivas às consequências do seu (des)ajustamento psicossocial. *Psique, Journal of Research Centre for Psychology of the Universidade Autonoma de Lisboa* [Internet] 2016 Jan-Dez [citado em 2018 Ago 8] 13(1) Disponível em: http://journals.ual.pt/psique/wp-content/uploads/2017/03/Vivências-amorosas-em-adolescentes_-das-dinâmicas-abusivas-às-consequências-no-seu-desajustamento.pdf.

[20] Fawson PR, Jones T, Younce B. Teen dating violence: Predicting physical and sexual violence and mental health symptoms among heterosexual adolescent males. *Violence and Victims* [Internet] 2017 Mai [citado em 2018 Ago 8] 32(5) Disponível em: <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-15-00077>.

21. Foster H, Brooks-Gunn J. Partner Victimization Violence and Relationship Changes in Young Men and Women. *Journal of Family Issues* [Internet] 2017 Nov [citado em 2018 Ago 8] 38(14) Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0192513X15617796>.

[22] Raible CA, Disc R, Gilkerson F, Mattem CS, James L, Miller E. School Nurse-Delivered Adolescent Relationship Abuse Prevention. *The Journal of School Health* [Internet] 2017 Jun [citado em 2017 Mar 17] 87(7) Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28580675>.

[23] Smith K, Cénat JM, Lapierre A, Dion J, Hébert M, Côté K. Cyber dating violence: Prevalence and correlates among high school students from small urban areas in Quebec. *Journal of Affective Disorders* [Internet] 2018 Jun [citado em 2018 Ago 8] 233(3) Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.02.043>.

[24] Kütük E, Gümüstas F, Almis B. Predictors of dating violence in college girls and differences from non-dating violence in psychiatric outcomes. *Anadolu Psikiyatri Derg* [Internet] 2017 Jan [citado em 2019 Mar 15] 19(2) Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320162419_Predictors_of_dating_violence_in_college_girls_and_differences_from_non-dating_violence_in_psychiatric_outcomes.

[25] Blázquez-Alonso M, Moreno-Manso JM, García-Baamonde ME. Indicators of psychological abuse associated with the length of relationships between couples. *Anales de Psicología* [Internet] 2012 Out [citado em 2017 Ago 18] 28(3) Disponível em: <https://revistas.um.es/analesps/article/view/analesps.28.3.123261/137981>.